



ENTIDADE AUTÁRQUICA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DE RONDÔNIA

# CRÔNICAS DE *Aterv*

Enoque Gonçalves de Oliveira

RONDÔNIA - 2021





ENTIDADE AUTÁRQUICA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DE RONDÔNIA

# CRÔNICAS DE *Aterv*

**Enoque Gonçalves de Oliveira**

---

**SEDE DA EMATER-RO**

Palácio Rio Madeira, Av. Farquar, nº 2.986  
Edifício Jamari, 1º andar, bairro Pedrinhas  
CEP.: 76.801-47- - Porto Velho-RO – Tel.: 3211-3720

**DIRETORIA EXECUTIVA DA EMATER-RO**

Diretor-presidente: Luciano Brandão  
Diretor vice-presidente: José de Arimateia da Silva

**EDITORAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, ARTES E REVISÃO**

Assessoria de Comunicação - ASCOM

---



## CRÔNICAS DA VIDA EMATERIANA

**E**m quase meio século de atividades da extensão rural em Rondônia, muitas histórias vão se cristalizando e entrando para o folclore ou anedotário dos extensionistas. Este ano, com a pandemia do coronavírus (covid-19), quase não tivemos oportunidade de nos reunir e fazer aquelas rodas de conversa que sempre acontecem nos intervalos de reuniões ou nos tempos livres, por ocasião das capacitações no Centro de Treinamento da Emater (Centrer), ou qualquer lugar onde se juntem três ou mais extensionistas. Por isso, resolvi quebrar nossa tradição oral e escrever algumas dessas passagens pitorescas de nossos colegas da Emater-RO.

Quando cheguei em Rondônia era o ano do décimo aniversário do serviço de assistência técnica e extensão rural no estado que já usava seu segundo nome, Aster-RO, apesar de estampar em todos os móveis uma plaquetinha com o nome Acar-RO. Quase todo técnico que era contratado pela Aster, passava por uma entrevista com o secretário executivo. Naquele tempo, energia elétrica, especialmente no interior, era luxo e, depois do expediente, a falta de energia facilitava o excesso de bebida e as rodas de conversas.

O extensionista no interior da Amazônia tem muitas funções importantes, disse o secretário executivo Dr. Raimundo Nonato Guimarães Teixeira, que nos contratou. Complementando: “o extensionista orienta o agricultor, é o juiz do futebol, padrinho dos meninos e dos casamentos na comunidade e, se precisar, atua como parteiro. A extensão rural é uma missão, vocês estão prontos?”

## A HOMENAGEM

**N**este mundo onde as homenagens são póstumas e os espertalhões conseguem suas recompensas não só em vida como em carreiras meteóricas e na forma de pecúnia, peço licença pra contar uma história acontecida com um de nossos colegas, que teve uma homenagem agendada pelo executivo municipal e lhe causou espantosa perplexidade.

Na Emater-RO temos um colega, que pelo refinamento de sua especialidade, ainda que sem títulos formais, merece ser agraciado com o título de doutor honoris causa, pelas academias de ciências agrárias existentes em Rondônia, afinal de contas tantas figuras ilustres, de Fernando Henrique a Lula, intelectuais e outros, pouco letrados, já receberam títulos honoríficos das mais tradicionais academias do mundo (Sorbone, Coimbra, Harvard e outras), por que não aqui, nestas paragens do poente, se reconhecer os méritos, talento e abnegação de um pioneiro de Rondônia que, mesmo sem título acadêmico, prestou relevantes serviços ao povo deste estado com sua expertise no preparo do café com qualidade para atender as exigências refinadas do mercado?

O leitor pode até nem imaginar quem é nosso personagem, mas certamente já ouviu falar dele ou leu uma de suas publicações, como a celebre “Cartilha do Café”, publicada e reeditada, inúmeras vezes, pela Emater-RO. Modernamente, o café tem merecido atenção especial com a realização de concursos de qualidade e premiações valiosas. Surgiu até palavras novas de um estrangeirismo anglófono para identificar provadores, classificadores ou baristas, agora a palavra usada é “Qgrad”, nem ousou pronunciar pra não ofender a fonética anglo-saxônica.

Nosso personagem, um dia casualmente pegou carona no carro oficial que servia ao prefeito de um pequeno município da região central do estado, na conversa surgiu a oportunidade para uma cobrança de nosso espirituoso personagem ao político que, não por acaso, era um colega que havia sido eleito e reeleito. Perguntou: - prefeito, o senhor não poderia me fazer uma homenagem no seu município? Há tantos anos estou trabalhando nesta região e tenho muito trabalho de relevância aqui no município. O prefeito respondeu de imediato: - mas claro que posso e já decidi vou mandar por seu nome numa rua de nossa cidade, está bem você?

Com a felicidade de um pinto no lixo nosso colega agradeceu a presteza e generosidade do mandatário municipal e ficou aguardando a merecida homenagem que marcaria seu nome na história em um reconhecimento de seus feitos que transporia os portais da posteridade.

Depois de uns três meses, e algumas visitas ao município da prometida homenagem sem que ninguém fizesse um mísero comentário sobre a rua com seu nome, a ansiedade consumia nosso colega, que já não suportando a espera resolveu fazer uma visita ao prefeito. Chegando ao gabinete logo foi anunciado e o prefeito o recebeu com aquela alegria característica e cumprimentos efusivos.

- Há que devo tamanha honra de ilustre visita?

- Me desculpe a franqueza prefeito, mas se passaram mais de três meses e ainda não vi a rua com meu nome que o senhor me prometeu. O prefeito falou com aquela voz mansa que os ematerianos conhecem bem:

- Mas Benedito, meu amigo, temos que fazer tudo de acordo com a lei, só estou esperando você morrer.

## A QUASE ELEIÇÃO DA IRIS

**H**oje em dia tem tantos colegas da Emater-RO envolvidos em política, que a gente quase esquece que um dos lemas da extensão rural no passado era que esse serviço era político, aqui em Rondônia esse lema começou a mudar com a criação dos municípios e as primeiras eleições municipais. Tenha paciência que o assunto não é política só vou contar a história de uma extensionista social candidata à vereadora, que foi o maior fenômeno na campanha eleitoral e provocou a maior surpresa depois das apurações dos votos.

Lá pelos idos de 1983, no auge do programa de colonização de Rondônia, um dos principais convênios que sustentavam a Aster-RO, como era chamada nossa querida Emater-RO, era o Probor (Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural) que financiava, através dos bancos oficiais, o plantio da seringueira. Naquele tempo havia sido extinta a extensão social e o com o Probor decidiu-se reativar o serviço para atender os produtores de borracha. Foi aí que vieram de Brasília, as cinco primeiras extensionistas sociais da nova geração.

As contratadas eram profissionais preparadas, todas formadas em economia doméstica, pelo Colégio Agrícola de Brasília. Elas foram distribuídas nos eslocs (escritórios locais) mais importantes do novíssimo estado de Rondônia. Antônia foi lotada em Ariquemes, Beth em Ouro Preto D'Oeste, Cida em Ji-Paraná, Rita em Cacoal e Irisvone foi para Rolim de Moura.

O trabalho era duro, mas elas não tinham dificuldade, enfrentavam com bom humor as gracinhas de alguns que diziam que o trabalho delas era "ir pro

mato” com os técnicos da borracha, mas pela competência logo elas se destacaram no serviço. Porém, uma delas além de competente, carregava nas veias, o bichinho da política, era a Irisvone, também chamada apenas de Iris.

O jeito esperto e despojado da Iris, logo conquistou a amizade dos produtores e das mulheres do campo. Em pouco tempo ela já era conhecida na prefeitura e em todos os órgãos públicos da cidade como a pessoa mais bem relacionada com as mulheres do campo.

Vieram as eleições e logo Iris foi convidada a participar como candidata a vereadora e, ninguém tinha dúvida, a candidata era forte. A conversa que rolava nas ruas era que a Iris já estava eleita, a preocupação do partido era com os outros candidatos, com a Iris não, ela era mais aplaudida do que as duplas sertanejas que tocavam nos comícios.

Quando terminou a eleição foi feita a contagem dos votos, aí veio a surpresa, a Iris não foi eleita. Todo mundo comentava, se formavam rodinhas para falar do assunto, aí chegou uma produtora daquelas desavisadas, querendo saber do desempenho de sua candidata e perguntou: - e a Iris, como está?

- Triste, né? perdeu a eleição, disse a colega do escritório.

- Mas como? disse a mulher cheia de surpresa. O colega respondeu com uma pergunta:

- A senhora votou nela?

- Não, todo mundo dizia que ela já estava eleita, aí lá em casa nós votamos em outro candidato só pra ajudar, que os votos dele era mais “poquim”.

## CONVITE PARA DUELO

**N**o começo dos anos oitenta haviam apenas duas cidade fora do eixo da BR-364, que eram: Espigão do Oeste e Colorado do Oeste. Para interiorizar os serviços públicos e impulsionar o desenvolvimento do recém-criado estado de Rondônia, o governo criou o projeto Polo Noroeste, que financiou a abertura de estradas coletoras e vicinais, a pavimentação da BR-364 e a construção dos Núcleos Urbanos de Apoio Rural, os Nuares que deram origem a muitas cidades. Nessa época, muita gente andava armada e de vez em quando, acontecia um homicídio. Mas isso não intimidava os técnicos da Emater-RO, pelo contrário, tinha até colegas que posavam de cowboys do Velho Oeste, à semelhança dos filmes de faroeste.

Os dois primeiros Nuares que receberam equipes residentes foram Nova União e Teixeirópolis, na região de Ouro Preto do Oeste. Em Nova União, os técnicos foram morar na casa de trânsito onde havia oito quartos e um banheiro para cada dois quartos, se não me falha a memória. O problema é que não havia água, tão pouco energia elétrica. A noite usávamos um motorzinho com gerador, comprado pela Emater-RO, para ser usado na apresentação de slides em reuniões, o banho era mesmo no igarapé São Domingos. Vez por outra, a turma dava uma parada no boliche do Moacir e quem gostava, tomava uma cerveja, único lugar onde havia alguma coisa gelada. Foi aí no boliche que, um dia, o técnico da Emater-RO chamou o maior valentão do lugar pra um duelo à moda dos cowboys. Na vila tinha um sujeito que dizem, já tinha sido policial, que só andava armado e intimidava um ou outro suspeito de andar fora da lei, era uma espécie de delegado informal, e quando a polícia vinha no lugar, era ele quem bancava o cicerone

dos homens da lei. Também havia na Emater-RO um técnico que não se apartava de uma pistola 765, que usava enfiada no meio das costas na região onde fica o rego. Era um técnico adaptado aos costumes do lugar, usava um chapelão preto de aba larga e botas até o joelho, com as calças enfiadas no cano da bota. Alguém, que nunca se soube quem, um dia resolveu escrever uns deboches na porteira do valentão, pretense delegado, o homem não gostou e não tendo a quem culpar, andou falando lá pelo boteco que aquilo só podia ser coisa daquele vagabundo da Emater-RO, que andava fantasiado de pistoleiro e os fofoqueiros de plantão se encarregaram de contar pro nosso colega a acusação do fazendeiro.

Em um final de tarde, passou na rua a caminhonete Fiat City do fazendeiro e parou no boliche. Em seguida chegou da linha a motoquinha TT da Emater-RO, fazendo aquele barulho de motosserra, bem característico dos motores de dois tempos. Era o cowboy extensionista, que deixou a moto na frente do CTA (Centro Técnico Administrativo) e foi também pro boteco. O lugar era um barracão de madeira com quatro portas na frente e um balcão comprido, com uns oito metros. Em um canto estava o fazendeiro delegado e no outro extremo se alojou o extensionista de faroeste, cada um tomava sua cerveja e se dirigia apenas às pessoas próximas, até que o fazendeiro puxou mais para perto de si uma bolsa preta, onde se sabia que ele carregava um revólver 38 e falou: - eu quero saber quem escreveu umas besteiras na minha porteira, que eu quero lhe mostrar com quantos paus se faz uma canoa. Foi o suficiente para o colega se incomodar lá no seu canto e dizer: - olha aqui Cláudio, eu tô sabendo que tu anda dizendo por aí, que quem escreveu essas porcarias fui eu, mas se tu tiver coragem mesmo tu diz pra mim, não fica falando pelas costas não, eu não tenho medo de ti não, e vamos resolver logo isso, pega esse teu revólver da bolsa e vamos lá fora acertar essa conta. O Cláudio fugiu à sua característica de valentão e falou: - o que é isso Bastos, nunca falei isso, tá se irritando à toa rapaz.

# CULTO AO SÁBIO DIGITAL

## versus

# RESPEITO AOS MAIS VELHOS

**A** té outro dia, o nosso velho e bom companheiro José Edny de Lima Ramos, era conhecido como «doutor Edny». O título traduzia respeito, em tempos que ainda se tinha muito respeito pelo conhecimento e experiência de alguém, ocupando ou não cargos de chefia. Percebi que ele, um especialista já próximo a jubilação, é o responsável em fazer a pesquisa semanal de preços.

Estranhei, não considerei um desrespeito, mas um desperdício do conhecimento. Aproximei-me dele e contei que aquela pesquisa havia sido uma das minhas primeiras responsabilidades na Aster-RO. Ele bondosamente me ouviu e disse: - a minha também, quando cheguei em Ariquemes em 1979 os colegas do escritório me passaram a tarefa de fazer a pesquisa e postar nos correios para a Fundação Getúlio Vargas, chamada de Fungevar. Como a orientação dos colegas para a coleta de dados era um tanto tosca, ele decidiu ligar para a Fungevar, para saber da metodologia da pesquisa no campo.

Lá do Rio de Janeiro, e pelo telefone, um pesquisador da fundação atenciosamente atendeu e deu uma aula detalhada. Edny ouviu humildemente, muito embora não precisasse tanto, ele conhecia a metodologia da pesquisa científica, pois havia saído a pouco da universidade. Continuou a fazer a coleta de dados da pesquisa até a chegada de outro novato, e os próprios

*colegas veteranos, que haviam lhe dado a tarefa, disseram: “Edny agora a pesquisa é do novato.”*

*Se a pesquisa pela tradição é do novato, que diacho faz agora nas mãos de quem exerceu praticamente todos os cargos dentro da instituição? inclusive a chefia de gabinete da secretaria de estado da agricultura, um mestre em fitotecnia, forjado na pesquisa experimental?*

*Comecei a compreender quando vi, ele pacientemente explicar para uma novata, como evitar as discrepâncias na pesquisa de preços e não perder a credibilidade junto ao público, com uma pesquisa que aponta preços pagos ao produtor com uma amplitude de 100%, exemplificando que, em um escritório o preço do leite era 90 centavos no outro um real e oitenta preços pago ao produtor. Explicou como e porque se tira as médias aritméticas, a moda, a mediana e a média ponderada.*

*Percebi ali a diferença entre o sábio digital, que esgrima com habilidade as planilhas do Excel, e o homem que ainda usa papel e caneta, mas não depende da máquina pra pensar, usa o próprio cérebro pra desprezar extremos inúteis, definir uma mediana ou encontrar uma media ponderada.*

## HISTÓRIA DE UM EXTENSIONISTA LIGEIRO

**N**o final da década de 70 e início dos anos 80, as condições de vida no território federal de Rondônia não incluía certos confortos modernos, é o que conta o Bastos falando da saga de sua mudança do Ceará para Pimenta Bueno. Ele era extensionista da Emater Ceará, mas num daqueles arroubos da juventude, ansioso por viver grandes aventuras, não teve dúvidas quando soube que por estas paragens do poente, no outro lado mapa do Brasil, o governo do Território Federal de Rondônia estava contratando profissionais da área agrária para fomentar o desenvolvimento. A decisão foi rápida, “é pra lá que eu vou”, disse ele, antes de pedir demissão da Emater-CE.

Pra chegar em Rondônia as opções eram o avião até Porto Velho ou por via rodoviária, que poderia demorar até um mês, porque somente no trecho entre Cuiabá e Porto Velho, a depender da época do ano, a viagem poderia durar até um pouco mais de 15 dias, mas ele era moço distinto tinha pedido demissão tinha o dinheiro da rescisão, portanto veio de avião. Chegando a Porto Velho viu a precariedade da capital, mas enquanto aguardava ser contratado soube da BR-364 e foi convidado para conhecer Pimenta Bueno, decidiu aceitar o convite, só que não ia comer poeira na 364, comprou passagem para viajar num teco-teco, passou uns belos sustos no aviãozinho, que ele passou a chamar de cai-cai.

Passou alguns dias esnobando pelo interior e o dinheiro diminui. Resolveu voltar a capital pra ver como estava o processo de contratação, que finalmente saiu, e ele foi enviado para trabalhar na Secretaria de Agricultura

*do Território em Pimenta Bueno, mas aí as viagens já eram terrestres e de Porto velho a Pimenta eram quase 24 horas de viagem. Mas isso não era nada, o melhor ainda estava por vir. Na Seagri recebeu a missão de trabalhar na escola Abaitará, que estava sendo instalada. O lugar era isolado, a povoação mais próxima era o Jaboti (hoje Nova Estrela), um pouco mais adiante estava Rolim de Moura, que não passava de umas poucas casas e uns quatro “bolicho”, como chamavam os botecos por lá. Mas nem tudo são espinhos, logo chegou a turma do Projeto Rondon, um bandão de estudantes universitários vindos dos grandes centros, que vinham em missão social. Aí já se sabe, onde tem jovens tem diversão.*

*Pra sorte do TA (técnico agropecuário ) cearense, a Seagri o colocou a disposição da Aster (Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia) e ele voltou a morar na cidade de Pimenta. No ano de 1980 a Aster, por motivos financeiros, decidiu adotar a motocicleta como veículo de trabalho, as motos Yamaha modelo TT que gastavam pouco e entravam em todos os buracos, mas muitas vezes o técnico terminava a viagem a pé, mais por problemas na estrada do que na “motoquinha”.*

*Foi trabalhando assim, nessas condições, que foi instalada a primeira feira do produtor de Rondônia e principal feira de Pimenta Bueno, que por muitos anos só podia expor e vender produtos quem tinha cadastro no Escritório local da Emater-RO. A organização daquela feira é um dos trabalhos que mais orgulha o colega Francisco de Araújo Bastos, que em suas histórias só conta as partes onde ele se dava bem e fazia sucesso, mas eu vou contar também da parte que ele tomou uma corrida do Xapuri, que quase perdeu as botas.*

*Para quem não conheceu o Xapuri, eu apresento. Era uma versão mais casca grossa do que seu irmão, conhecido como Patada, o simpático e muito querido pela turma das antigas, José Edilson de Andrade.*

*Um dia, os dois, Xapuri e Bastos, foram a uma atividade de campo. Lá pelo meio da tarde, o pneu da moto do Xapuri furou, eles pararam e o Xapuri foi tentar um milagre de consertar o pneu. Por causa do calor, tirou a camisa e ficou mexendo na moto, ali por perto tinha uma casa daquele maribondo corintiano, aquele rajado grandão, que quando ferra, o sujeito vê estrelas até ao meio-dia. Uns três maribondos desses pousaram nas costas do Xapuri e o Bastos que não ajudava e ainda ficava irritando o colega, disse:*

*- Fica quieto que tem uns maribondos nas tuas costas, deixa eu espantar. Xapuri ficou quietinho, o Bastos em vez de espantar os maribondos, apertou a cabeça da vespa com a chave da moto, não deu outra, ela cravou o ferrão nas costas do Xapuri, que levantou se contorcendo e passou por cima da moto de um salto e gritando:*

*- Seu filho de rapariga, tu me paga, mas pense em um sujeito ligeiro, o Basto parecia um raio, corria que os pés batiam na bunda.*

## O EXTENSIONISTA QUE VOLTOU DO ALÉM

**C**erto dia, um dos técnicos pioneiros da Emater-RO, ficou desaparecido por cinco meses. Dado por morto, os colegas já tinham até encomendado sua alma através de uma missa na catedral de Porto Velho.

A viúva cumpria seu luto, enquanto amamentava seu filho, nascido depois da partida do pai que desaparecera em um naufrágio no Rio Guaporé durante uma missão extensionista quando, de repente, viu o referido surgir à sua porta deixando-a em estado de choque. Paulinho Maia atendeu produtores de borracha natural nos principais seringais nativos do então território federal de Rondônia. Para entender esse realismo fantástico, é necessário contextualizar a época. Na década de 70, o técnico extensionista rural em Rondônia tinha duas formas principais para se deslocar até as propriedades assistidas: poderia ir a bordo de um confortável jipe, com três ou quatro marchas, capota de lona, tração nas quatro rodas e reduzida pra sair dos atoleiros. A outra maneira era pegar uma canoa equipada com motor de poupa. E em algumas situações utilizava-se também os barcos de transporte de passageiros, que ainda navegam pelo Rio Madeira e Rio Guaporé.

Nos primeiros anos da extensão rural em Rondônia os técnicos eram contratados em outros estados, recebiam a capacitação inicial, chamada de pré-serviço, e estavam prontos para ir a campo, que em Guajará-Mirim significava ir da sede do município até o extremo sul do estado, onde hoje está localizada a cidade de Pimenteiras.

Para atender o programa oficial de assistência técnica e extensão rural

*voltado aos seringais nativos, foi escalado o colega Paulo Maia, o Paulinho. Ele subia o Rio Guaporé entrando em quase todos os afluentes para prestar assistência técnica e fazer a supervisão dos projetos de custeio contratados com os bancos conveniados com a Acar-RO. As viagens geralmente demoravam mais de um mês até o retorno ao escritório.*

## **A VIAGEM**

*Numa das primeiras viagens do ano de 1976 Paulinho se despediu da esposa, dona Lucimar, que estava grávida e embarcou em um barco de passageiros que subiria o Rio Guaporé até o sul do estado, passando por Costa Marques e demais localidades. Dessa vez iria acompanhado de um técnico do Banco do Brasil de nome Djalma, mais conhecido como “Grilo”, que fazia a fiscalização do crédito rural.*

*A viagem era longa e entediante, mas eles não seguiam sempre no mesmo barco, precisavam descer nas localidades geralmente próximas à foz dos afluentes para alugarem barcos pequenos para adentrar nos rios menores, onde estavam localizados os seringais. Para estas despesas dispunham de um suprimento de fundo. Numa dessas paradas, lá pelas proximidades de Pedras Negras, compraram passagens em um barco que seguia pelo Rio Guaporé para descer até a foz de um dos pequenos rios que dava entrada para o próximo seringal a ser visitado e, antes de chegarem ao porto seguinte, encontraram a canoa com motor de popa que os levaria ao próximo seringal. Desceram do barco grande e seguiram a rotina de atendimento aos produtores de borracha natural.*

## **NAUFRÁGIO**

*Paulinho e Grilo demoraram nessa área atendendo diversos seringais e, em alguns deles, para chegar às colocações mais distantes, o tempo durava mais de dois dias e não havia comunicação com o mundo exterior, nem com o escritório, tão pouco com a família. Por causa do isolamento, não ficaram sabendo que o barco, o qual haviam viajado o último trecho, naufragara matando diversos passageiros.*

*A marinha e a polícia fizeram as diligências no local do desastre resgatando os corpos, içaram o barco e encontraram a lista de passageiros em que constava os nomes de Paulo Maia e Grilo. Cumprido o prazo das buscas e não tendo encontrado os corpos de todos os desaparecidos constantes da lista de passageiros, aqueles não encontrados foram dados como mortos e comunicado o ocorrido aos familiares.*

*A notícia deixou consternada toda a comunidade de extensionistas e principalmente as equipes de Guajará-Mirim e Porto Velho, onde Paulinho havia trabalhado. O então secretário executivo, Luiz Carlos Coelho de Menezes, determinou que se tomasse providências para prestar a assistência necessária à viúva e ao filho do extensionista tragicamente desaparecido nas águas do Rio Guaporé, e que fosse celebrada uma missa em intenção a alma do colega Paulo Maia.*

## **CHOQUE DE REALIDADE**

*Passados cinco meses e algumas semanas da partida daquela viagem que provocara tanta tristeza e saudade à esposa e aos colegas da extensão rural rondoniense, dona Lucimar, esposa de Paulinho, já havia voltado à casa dos*

*pais em Porto Velho. Certo dia, estava sentada amamentando seu filho, quando viu chegar à sua porta, um homem de cabelos e barba grande.*

*De imediato ficou assustada tentando reconhecer aquela fisionomia, quando o homem falou:*

*- Sou eu Lucimar, o Paulinho. Ela ficou em estado de choque.*

*Passado o susto, ela se levantou e abraçou o esposo, ambos ficaram emocionados. Logo chegaram os parentes que avisaram os vizinhos e mandaram recados aos colegas da Aster-RO. Os amigos foram chegando e daí pra frente rolou uma grande festa.*

*O personagem principal dessa história é o pai do colega Marcio Maia, portanto sogro da colega Giselda Socorro Sena da Silva, hoje diretora administrativa e financeira da Emater-RO. E a criança citada nessa história, que nasceu durante o período de desaparecimento do pai, é justamente o colega Marcio Maia.*

# O IMPERADOR DE OURO PRETO

(Augusto Pinheiro Lobo)

**Q**uem não conviveu com o velho Lobo, não pode imaginar como aquele cearense magrinho, de bigodes grandes, era forte.

O Augusto nunca trabalhou noutra escritório, chegou em Ouro Preto do Oeste em 1974. Naquela época tinha expediente até aos sábados ao meio-dia e essa carga horária já provocava alguns conflitos, mas para piorar as relações de trabalho com o chefe, outro cearense não menos folclórico e querido na cidade, o ex-deputado Haroldo Santos, gostava de demonstrar autoridade.

Augusto não tinha carteira de motorista num escritório que tinha um jipe para cada técnico e em períodos regulares recebia uma carga de 14 mil litros de combustível que ficavam armazenados no posto, para o serviço de extensão rural. O chefe se preocupava com a falta da carteira de habilitação do técnico, mas precisava atender aos agricultores, o jeito era liberar o carro para o Augusto fazer as visitas para liberação do crédito de custeio das culturas anuais aos assentados do Incra.

Um dia receberam um comunicado que chegaria à vila de Ouro Preto uma comissão examinadora do Detran para aplicar as provas e expedir carteiras de motorista, o Haroldo chamou o Augusto e disse, de hoje em diante tu vai treinar todo dia, vai treinar durante uma hora, entrar de ré na garagem. Augusto ficou indignado, mas engoliu em seco e cumpriu o castigo.

O magro ficou esperto para não engolir mais prepotência de chefe, foi

*ganhando espaço, virou uma liderança e passou a assumir a coordenação do escritório, na falta do chefe. Quando a Aster adotou a motocicleta como veículo de trabalho, ele adiantou: não andaria de motocicleta, não tinha habilitação para aquele veículo e nem iria tirá-la, porque não andava nem de bicicleta. Foi o único extensionista dos anos oitenta que jamais subiu numa moto.*

## **O PODER**

*Ouro Preto virou município e mudou, foi como se a antiga corrutela, administrada pelo Incra, tivesse vestido uma roupa nova e passado a maior idade. Abriram-se oportunidades para postos de autoridades: prefeito, vereadores, secretários municipais. De cara dois técnicos da Aster se elegeram vereador (Lourival e Claudio Olivença), mas Augusto preferiu ficar de fora da política e assumir a chefia do escritório.*

*O novíssimo estado de Rondônia era um ponto fora da curva, crescia a taxas chinesas, impulsionado pelo Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado, o chamado Polo Noroeste, que chegou trazendo muitas e novas oportunidades, asfalto na BR, novas construções e a cidade, que já tinha mais homens do que mulheres, ficou fedendo com tanto macho trazido pelas construtoras. Quem tinha namorada que cuidasse, porque a coisa ficou feia.*

*O chefe da Aster em Ouro Preto ficou poderoso, comandava uma equipe que, no auge, tinha 52 subordinados. Chamavam de minirregional, porque*

*comandava os escritórios de Urupá, Teixeirópolis, Nova União, Rondonias e Vale do Paraíso. Os políticos de passagem pelo município faziam questão de uma visita ao chefe da Aster-RO, que aí já discutia a mudança de nome para Emater-RO.*

*O ápice dessa fase foi o dia em que o escritório recebeu uma ligação e uma voz falou:*

*- Aqui é do gabinete do ministro Cesar Cals, o senhor ministro que falar com o senhor Augusto Pinheiro Lobo. O cearense quase sujou as calças de tanta emoção, mas empostou a voz, que já era naturalmente grave, e disse:*

*- Pode passar a ligação. O assunto era sua transferência para o Ceará, articulada por parentes e que terminou não acontecendo, mas virou assunto político nas rodinhas de conversa.*

## **EMBATE ELEGANTE**

*A prefeitura de Ouro Preto do Oeste, com suas secretarias e departamentos, já atraía lideranças de outras instituições para assumir cargos no executivo municipal e as mudanças no governo estadual provocava certa disputa dentro dos órgãos estaduais. No escritório local da Emater-RO surgiam novas lideranças, entre elas Valdeci Moura da Costa, piauiense que fazia uma certa oposição ao pequeno imperador Augusto. Isto fez o velho Lobo aceitar um cargo na prefeitura e o quase desafeto, Valdeci, assumiu a chefia do escritório. Em nome das boas relações interinstitucionais os dois chefes mantinham a cordialidade, mas Valdeci dizia aos amigos: - estou guardando*

*uma moto para quando o Augusto voltar. Vieram as eleições, o prefeito sairia para dar lugar ao novo eleito, e Augusto deveria voltar à Emater-RO, pois venceu o acordo de cedência à prefeitura, enquanto Valdeci, na Emater, iria continuar como chefe, pois contava com a simpatia dos eleitos na esfera estadual.*

*Valdeci era o novo Imperador na Emater-RO, em Ouro Preto do Oeste e, motivado pela iminência das mudanças de cargo, decidiu enviar uma correspondência ao colega cedido à prefeitura, onde dizia: “Ilustríssimo senhor Augusto Pinheiro Lobo, comunico a vossa senhoria que, a partir do dia 31 de dezembro do corrente ano, vencido o seu período de cedência à prefeitura municipal, vossa senhoria deverá se apresentar neste escritório local para reassumir suas funções extensionistas, cordialmente Valdeci M. da Costa.”*

*Augusto responde: “Com as mais cordiais saudações comunico ao ilustríssimo coordenador da Emater-RO que já requeri recesso natalino para a primeira semana de janeiro, como é costume de a instituição concedê-lo. Por oportuno informo que em seguida ao recesso estarei de férias remuneradas e em passeio com minha família e, por último, tenho a satisfação de convidar vossa senhoria para se fazer presente na solenidade de posse dos secretários municipais de Ouro Preto do Oeste, quando estarei assumindo o posto titular de secretário municipal de agricultura e meio ambiente, sinto lhe frustrar, mas terá que guardar a motocicleta, quem sabe, para outra ocasião. Respeitosamente Augusto P. Lobo.”*

## SUPER SINCERO (Tabosa)

**U**m dos primeiros veterinários da Emater-RO foi o doutor Tabosa, como era conhecido nosso bom e velho amigo Antônio Tabosa.

Formado pela faculdade de medicina veterinária da Universidade Federal do Ceará, veio para Rondônia, influenciado por seu irmão mais velho, doutor Calmon Tabosa, que veio a ser o primeiro engenheiro agrônomo do território federal de Rondônia, assim ele mesmo me contou.

Tabosa era de uma franqueza que machucava, era um sertanejo a moda antiga, um super sincero, falava tudo ali, na lata, sem nenhuma cerimônia. Mas era muito generoso, tinha prazer em ensinar quem tivesse disposto a aprender, por isto eu fazia questão de acompanhá-lo à campo sempre que tinha oportunidade. Um dia ele me chamou e disse:

- amanhã eu vou visitar um aviário, é aqui na periferia, quer ir comigo?  
- sim, quero, só me diga a hora pra eu ajustar minha programação e estar pronto, respondi.

Acompanhar doutor Tabosa, era uma oportunidade de aprendizado, principalmente numa atividade de avicultura que era a especialidade dele, e eu tinha muito interesse pela atividade, pois quando ainda era estudante havia trabalhado numa granja, gostava de me sentir um assistente qualificado.

Chegamos na chácara onde ficava o aviário e a dona logo nos chamou para ir até o galpão de hospedagem das aves. Houve ali uma breve conversa com a mulher e fomos examinar as aves, ele pediu para a proprietária puxar um compensado grande que estava encostado no galpão e usá-lo como uma parede para separar um espaço livre, onde ele iria colocando separado as aves

*já examinadas. Disse, ainda, para ela ir pegando as galinhas e entregando para mim que eu entregava para ele, enquanto ela ia pegar outra.*

*Lá pela sexta ave que ele examinava, eu já vi a cara de insatisfação do super sincero. Tabosa pegava a ave por baixo das asas com a mão esquerda e com a direita apalpava o externo, ou peito da ave, e a mulher tagarelava enquanto dava o bote nas galinhas para entregar para o exame. Aí ele disse:*

*- já chega, pode parar. A mulher tagarela disse:*

*-Então doutor, o que essas aves têm que estão morrendo? Ele respondeu seco:*

*-Fome. A senhora pode procurar outra coisa pra fazer, porque criar galinhas não é pra senhora.*

*-Mas porque doutor? perguntou a mulher com a empáfia de quem era dona da razão. A resposta foi rápida:*

*- Porque ainda não descobriram uma raça que se crie sem comida.*

*Outro dia, logo que abrimos o escritório, chegou um produtor pedindo que o veterinário examinasse seu cavalo. Aí Tabosa perguntou:*

*- Onde está o cavalo? O homem disse:*

*- Aí fora em cima do caminhão. E logo foram saindo para ver o animal. Eu e outro colega curioso fomos ver também. Lá estava o cavalo deitado na carroceria, nem se mexia. Tabosa olhou, correu os olhos pela barriga e se concentrou na cabeça do bicho, observou os olhos do animal e deu o veredito:*

*- Aqui a gente trata com remédio, mas quando o animal tá vivo, porque ressuscitar a gente não aprendeu ainda não. Só aí homem se deu conta do estado do animal.*

*O auge da franqueza do Tabosa aconteceu quando ele foi convidado a*

*trabalhar no escritório central. Ficou cheio de orgulho, aceitou o convite e foi trabalhar na gerência de produção animal da Coordenadoria Técnica (Coper). Poucos dias depois escutou o chamado feito nas caixinhas de som ambiente, que tinha em todas as salas do novíssimo prédio do escritório central da Emater, na avenida Farquar: “senhores gerentes e técnicos da Cooper por favor se dirijam à sala de reuniões, onde terão reunião com o coordenador técnico e o secretario executivo”, todos se dirigiram para o local indicado, na ala central do prédio onde ficava os gabinetes da direção, na sala havia uma mesa grande na frente e várias mesinhas pequenas que se encaixavam e formavam um quase circulo, de modo que ficavam todos de frente para a mesa principal.*

*Começou a reunião, discutiram vários assuntos, o secretario executivo, que vou deixar de citar o nome, de vez enquanto ficava exaltado pra falar de assuntos importantes com algum entrave. Tabosa, ouvia com atenção e tomava nota dos assuntos tratados, finalmente a reunião caminhava para o encerramento e abriram a palavra aos técnicos. Chegou a vez do nosso veterinário, que deixou seu caderninho de notas sobre a mesa e falou:*

*- Senhores fiquei muito honrado pelo convite de vir trabalhar aqui no central, onde eu tinha certeza de que só vinham os mais preparados, os expoentes da instituição, fiquei orgulhoso pelo convite, mas, agora, depois dessa reunião que durou 45 minutos e o secretário executivo falou “pôrra” onze vezes e eu não consegui acrescentar nada para o meu trabalho, acho melhor voltar a trabalhar no escritório local.*

## UM PARTO INUSITADO

**O** Probor, Programa de Incentivo à Produção da Borracha Natural, já estava terminando, mas os agricultores que tinham investido no plantio de seringueira queriam tirar algum proveito daqueles seringais que haviam plantado com orientação dos técnicos da Emater-RO e que havia consumido o tempo deles e o dinheiro do financiamento, se bem que ninguém reclamava do financiamento da seringueira, porque foi ele que ajudou a formar os primeiros rebanhos bovinos da agricultura familiar.

Nos anos oitenta, uma das principais culturas atendidas pela extensão rural em Rondônia era o cultivo da seringueira, borracha natural. Quando os primeiros seringais de cultivo estavam prontos para a colheita começou o declínio da heveicultura na Amazônia, o que não impedia o entusiasmo dos produtores de quererem recuperar o dinheiro e o tempo investido naquelas árvores que as autoridades e os técnicos haviam prometido que os fariam ricos.

Com a animação de quem ia ganhar muito dinheiro com o látex da seringueira um grupo de produtores rurais procurou o escritório local da Emater-RO em Cacoal, para ministrar um curso de sangria de seringueira, o coordenador do escritório era um mineiro criado no Ceará de nome José Tarcísio Batista Mendes, que de pronto escalou os técnicos agrícolas Antônio Fernandes e Enoque de Oliveira para se desincumbirem da missão.

No dia de ministrar o curso havia chovido a noite toda e a estrada do seringal estava escorregadia, feito quiabo. Ainda bem que o local não era muito longe da cidade, naqueles dias de chuva e por causa dos materiais do curso, o chefe mandou um carro levar os técnicos no local do curso, e prometeu que os mandaria os buscar a tarde. Ir trabalhar de carro era luxo, o transporte de todo dia era a motocicleta.

Para a prática da sangria das plantas de seringueira escolhemos um velho jardim clonal que havia servido de suporte para implantação de mais de mil hectares de seringal, na propriedade da família Nunes de Almeida, fundadora do município de Cacoal. Quem cuidava da área era um velho seringueiro chamado Severino, que havia chegado ao seringal no final da década de 1930, e já tinha quase oitenta anos. Mesmo com essa idade, estava

*casado com uma morena de menos de quarenta, em adiantado estado de gravidez, esperando dar à luz por aqueles dias.*

*Fizemos as orientações de como sangrar as plantas com o cuidado de cortar apenas a casca da árvore no formato de meia espiral, sem atingir o câmbio, para não afetar o meristema de crescimento em espessura da árvore, evitando prejudicar futuras produções. O velho seringueiro permaneceu um tempo conosco ajudando os marinheiros de primeira viagem (ou seringueiros de primeiro corte), a acertar a mão naquele ofício, onde ele era um especialista, depois foi cuidar de outros afazeres e nós continuamos conduzindo a aula prática.*

*Já era próximo do meio-dia quando vimos o velho Severino chegar correndo e amarelo, feito flor de algodão, e com uma certa dificuldade para falar. Perguntamos:*

*- o que houve seu Severino, fique calmo e fale devagar. Quando conseguiu falar disse:*

*- alguém de vocês sabe fazer parto? alguém tem de ajudar minha mulher, ela está em trabalho de parto e precisa de ajuda, eu não sei o que fazer.*

*Ainda sem noção da gravidade da situação, mas com a coragem que o extensionista precisa ter, dissemos:*

*- fique tranquilo, seu Severino, que nós vamos resolver esse problema junto com o senhor. Não tinha mesmo como transportar a mulher para a cidade e o jeito era assumir a função extensionista de parteiro.*

*- Vamos preparar o parto, mas diga como está sua mulher? Ele disse:*

*- está tendo muitas contrações e reclamando de muita dor e já derramou toda a bolsa de água.*

*Todo aluno de colégio agrícola lembra de ter ajudado algum parto de porca ou vaca, mas só lembra. Aí foi só puxar pela memória e incorporar o parteiro e dizer “vamos ferver água para esterilizar uma tesoura, um pedaço de cordão e vamos pôr o restante da água numa bacia para dar o primeiro banho no bebê com água morna.”*

*Tomar aquelas providências foi fácil, difícil mesmo era encarar o constrangimento de entrar no quarto da mulher em trabalho de parto. Tanto para o Antônio quanto pra mim, era a parte mais difícil, a timidez, a vergonha*

*de encarar a situação, pra nós era por demais vexatória. Aquela mulher se contorcendo de dor e a gente, que não tinha prática nem de cortar umbigo de leitão que era o máximo de nossa experiência em parto. Tínhamos que encarar, o menino já estava nascendo sozinho, estava vindo direitinho, só que bem devagarinho.*

*Já tinha passado a cabeça quando ouvimos um barulho, era um carro se aproximando, saímos para ver se era alguém que poderia prestar socorro. Quando vimos, era a nossa colega Maria Celeste Gomes que estava chegando num velho ônibus Agrale que o escritório regional de Pimenta Bueno havia mandado para dar apoio ao curso. Nos sentimos aliviados daquele constrangimento que estávamos passando, mas a Celeste era extensionista social com curso de magistério e ficou logo toda apavorada querendo fugir e nós dizendo:*

*-Vamos te ajudar, apara a criança que tá vindo sozinha, mas para nossa infelicidade, o menino saiu e a placenta ficou retida.*

*Agora vamos lembrar como se separa o filhote da placenta, naquele caso, o bebê da mãe.*

*-Vamos lá, Celeste!*

*-Seu Severino, traz a tesoura esterilizada e a linha que o senhor pôs na água quente.*

*- Celeste, mede quatro dedos da barriga do bebe e amarra forte com a linha, mede mais quatro dedos e amarra outra vez, agora corta no meio entre um nó e outro. Pronto, separado o bebê da placenta que ainda estava dentro da mãe, foi só explicar ao casal que a placenta iria sair naturalmente, mas essa informação, aparentemente segura, era só pra acalmar a mãe e o marido, nós mesmo estávamos morrendo de medo.*

*Encerramos o curso mais cedo naquele dia e corremos para Cacoal, onde a Celeste foi procurar orientação e ajuda na Unidade Mista de Saúde, aí uma enfermeira gentilmente acompanhou a colega Celeste até o seringal novamente, seu Severino ficou muito feliz que o parto foi um sucesso e a celeste virou parteira e madrinha do menino.*

*Hoje em dia a Celeste é médica veterinária, acho que gostou do trabalho técnico.*





**50**  
ANOS

**ENTIDADE AUTÁRQUICA DE ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO  
ESTADO DE RONDÔNIA**

1971-2021